

INFÂNCIAS QUILOMBOLAS E TERRITÓRIO: O BRINCAR COMO EXPRESSÃO DE CULTURA, NATUREZA E PERTENCIMENTO

QUILOMBOLA CHILDHOODS AND TERRITORY: PLAY AS AN EXPRESSION OF CULTURE, NATURE, AND BELONGING

INFANCIAS QUILOMBOLAS Y TERRITORIO: EL JUEGO COMO EXPRESIÓN DE CULTURA, NATURALEZA Y PERTENENCIA

Patrícia Pereira Alves¹
Lúcia Marisy Souza Ribeiro de Oliveira²
Teonis Batista da Silva³
Rosângela Bezerra Fonseca⁴
Edlúcia da Silva Costa⁵

RESUMO: Este estudo teve como objetivo analisar, sob a ótica ambiental, as brincadeiras, os tipos de brinquedos e as características dos cenários/espços utilizados pelas crianças durante o brincar em comunidades quilombolas. Para isso, foi realizada uma revisão sistemática da literatura, com abordagem qualitativa, a partir de estudos relacionados às experiências brincantes em comunidades quilombolas. Os resultados evidenciaram ampla diversidade de brincadeiras, brinquedos e cenários, incluindo práticas tradicionais e contemporâneas, brinquedos industrializados, artesanais, produzidos pelas próprias crianças e confeccionados com recursos naturais ou materiais reaproveitados. Os cenários identificados compreenderam tanto ambientes naturais quanto espaços construídos, evidenciando a relação entre o brincar e o território. Conclui-se que as crianças quilombolas encontram, no cotidiano de suas comunidades, diferentes espaços e possibilidades para expressar suas experiências infantis, articulando brincadeira, cultura, ambiente e território.

1

Palavras-chave: Jogo. Brincadeira. Cenários. Criança. Quilombola.

¹ Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano Campus Petrolina Zona Rural, Doutoranda em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial e Mestra em Ciências da Saúde e Biológicas pela Universidade Federal do Vale do São Francisco, Graduada em Pedagogia Universidade do Estado da Bahia.

² Professora Titular da Universidade Federal do Vale do São Francisco, Doutora em Desenvolvimento sócio ambiental pela Universidade Federal do Pará, Mestra em Desenvolvimento Regional e Pedagogia.

³ Professor da Universidade Federal do Piauí, Doutorando em Ciências Agrárias pela Universidade Federal do Piauí, Mestre em Agronomia, com ênfase em Horticultura Irrigada, pela Universidade do Estado da Bahia, especialista em Agronomia pela Faculdade FAVENI e engenheiro agrônomo pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, Campus Petrolina Zona Rural.

⁴ Doutoranda em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial e Mestra em Extensão Rural pela Universidade Federal do Vale do São Francisco, Graduação em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade de Pernambuco (UPE).

⁵ Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano Campus Petrolina Zona Rural, Mestra em História pela Universidade Federal de Pernambuco, Graduação em História pela Universidade Federal de Pernambuco.

ABSTRACT: This study aimed to analyze, from an environmental perspective, children's play activities, types of toys, and the characteristics of the settings/spaces used during play in quilombola communities. To this end, a systematic literature review with a qualitative approach was conducted based on studies addressing play experiences in quilombola communities. The results revealed a wide diversity of play activities, toys, and settings, including traditional and contemporary practices, industrially manufactured and handcrafted toys, as well as toys produced by children themselves using natural resources or reused materials. The settings identified comprised both natural environments and built spaces, highlighting the relationship between play and territory. It is concluded that, within the daily life of their communities, quilombola children find different spaces and opportunities to express their childhood experiences, connecting play, culture, environment, and territory. strategy and its reputation for the corporate institution's image in the face of attacks and criticisms of the quality of its products and services, inevitably exposing its brands in social networks. The work evaluates the interaction of the organizations with the users in order to fulfill the mission of defending their brand in the face of judgments that may negatively expose the products and services of the brand that over the years struggles to survive the current economic situations of the country.

Keywords: Play. Games. Settings. Children. Quilombola.

RESUMEN: Este estudio tuvo como objetivo analizar, desde una perspectiva ambiental, los juegos, los tipos de juguetes y las características de los escenarios/espacios utilizados por los niños durante el juego en comunidades quilombolas. Para ello, se realizó una revisión sistemática de la literatura, con un enfoque cualitativo, a partir de estudios relacionados con las experiencias lúdicas en comunidades quilombolas. Los resultados evidenciaron una amplia diversidad de juegos, juguetes y escenarios, incluyendo prácticas tradicionales y contemporáneas, juguetes industrializados y artesanales, así como juguetes elaborados por los propios niños mediante el uso de recursos naturales o materiales reutilizados. Los escenarios identificados comprendieron tanto ambientes naturales como espacios construidos, evidenciando la relación entre el juego y el territorio. Se concluye que los niños quilombolas encuentran, en la vida cotidiana de sus comunidades, diferentes espacios y posibilidades para expresar sus experiencias infantiles, articulando juego, cultura, ambiente y territorio.

Palabras clave: Juego. Juegos. Escenarios. Niños. Quilombolas.

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a infância e a criança, sob as perspectivas teórica, cultural, política, histórica e psicológica, ganharam vigor e visibilidade na academia, sobretudo a partir das contribuições do francês Philippe Ariès. No Brasil, essa temática requer um olhar mais amplo e profundo sobre as condições sociais e históricas que envolvem a infância, considerando os contextos geográficos e políticos nos quais ela se constitui. Entre essas condições, destacam-se os modos e as formas como as crianças brincam em comunidades quilombolas, aspecto que tem despertado a atenção de diversos estudiosos.

Neste estudo, consideramos a Comunidade Quilombola como lugar de vida, de existências materiais, conceituais e simbólicas, marcado por intensa movimentação cultural, mas também por dificuldades, descasos e lutas por direitos constitucionais. Desse modo, seria reducionista abordar uma única infância quilombola diante de um contexto tão diverso e multifacetado. Por isso, adotamos a perspectiva das múltiplas infâncias, reconhecendo que as experiências das crianças são constituídas pelas especificidades de seus territórios e contextos socioculturais.

Nossa intenção é analisar pesquisas, incluindo teses, dissertações, monografias e artigos, buscando responder à seguinte questão: quais brincadeiras, brinquedos e cenários/espços são escolhidos pelas crianças no momento do brincar em algumas comunidades quilombolas? Os estudos analisados evidenciam diferentes nuances, sutilezas e particularidades dos territórios quilombolas, de modo que, embora abordem uma temática comum, apresentam situações singulares e irrepetíveis.

Embora existam estudos etnográficos sobre infâncias quilombolas, ainda não há uma síntese sistemática capaz de revelar padrões ecológicos, culturais e territoriais das experiências lúdicas em diferentes comunidades brasileiras. Diante dessa lacuna, o objetivo deste estudo é analisar, sob a ótica ambiental, as brincadeiras, os tipos de brinquedos e as características dos cenários/espços utilizados pelas crianças durante o brincar em algumas comunidades quilombolas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Comunidades quilombolas: território, resistência e identidade

A colonização do Brasil, iniciada no século XVI e liderada pelos portugueses, foi marcada pela resistência dos negros africanos trazidos de diferentes regiões da África, como Congo, Senegal e Angola. Homens e mulheres submetidos à escravidão organizaram-se social e politicamente contra a opressão, tanto no Brasil quanto em outras partes do mundo, buscando resgatar sua dignidade e liberdade.

Durante o período escravista brasileiro (1530–1888), até o século XVIII, os agrupamentos formados por negros escravizados que fugiam recebiam o nome de mocambos, termo que significa esconderijos. A palavra quilombo, associada à ideia de fortaleza ou acampamento militar, passou a ser utilizada a partir do mesmo século, sob influência da experiência de Palmares (Dantas; Mattos; Abreu, 2012).

Segundo Munanga (2012), os bantos foram os primeiros a resistir à escravidão, reconstruindo no Brasil um padrão de quilombo de matriz Congo-Angola. O termo quilombo é aportuguesado da palavra *kilombo*, de origem na língua umbundu, de Angola, e refere-se a uma organização sociopolítica e militar de oposição à estrutura escravocrata, na qual se reuniam diferentes grupos oprimidos.

No âmbito legal, a Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, estabelece: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras, é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes títulos respectivos”. Esse marco contribuiu para ampliar a visibilidade das populações quilombolas e impulsionou a produção acadêmica sobre essas comunidades.

O reconhecimento dos territórios quilombolas pelo Estado representa o respeito aos povos afrodescendentes e à sua trajetória histórica. Nesse processo, “tal movimento fez despertar nesses quilombolas a valorização e a sua identidade cultural [...] criando manifestações, danças, ritmos e músicas para mostrar seus valores culturais” (Miranda, 2009, p. 129). Assim, a estrutura sociocultural quilombola, construída na resistência e na ressignificação de valores e costumes ancestrais, tornou inseparáveis a vida cultural e a organização social (Souza, 2012).

4

No Brasil, a Instrução Normativa nº 16, de 24 de março de 2004, conceitua os quilombolas como grupos étnico-raciais com trajetória própria, relações territoriais específicas e ancestralidade negra, contextualizadas pela resistência e pelas opressões sofridas (Pereira; Serrano; Porto, 2012). Os autores ressaltam, ainda, que ser quilombola no Brasil está mais relacionado ao modo de ser e de compartilhar no coletivo do que à cor da pele ou a outras características biológicas.

Infâncias quilombolas e o brincar

É nesse contexto que se insere a discussão sobre a infância quilombola, com atenção às brincadeiras, aos brinquedos e aos cenários escolhidos para o brincar. Nessa perspectiva, a criança é compreendida como sujeito histórico, construtora de cultura e de pensamento próprio, capaz de criar e recriar suas realidades.

Santos (2016), em estudo realizado na Comunidade Quilombola de Bombas, no município de Iporanga-SP, observou que as brincadeiras estão inseridas no cotidiano, no qual

as crianças encontram espaços para experiências lúdicas construídas na interação com seus pares e com o meio. De forma semelhante, Gobbi e Finco (2013, p. 63), ao estudarem a infância em um assentamento do Movimento Sem Terra, ressaltam que as crianças “constroem culturas infantis, evidenciam seu ponto de vista, lutam, deixam marcas do desejo de outro mundo possível”.

Pesquisas nessa direção também revelam realidades adversas, evidenciando situações que demonstram a distância existente entre as condições vivenciadas pelas crianças e a garantia de uma infância digna. Pasuch e Moraes (2013), em estudo com crianças moradoras da área rural do município de Sinop-MT, identificaram ausência de proteção da infância, manifestações de violência, senso de responsabilidade desde muito cedo e dificuldades para encontrar tempo para brincar diante dos afazeres domésticos, da lida na roça e do manejo dos animais da família.

Nesse sentido, a infância quilombola apresenta muitas particularidades e é afetada pelas condições de exploração econômica, social e política construídas historicamente na sociedade brasileira. Todavia, essas condições não eliminam a capacidade das crianças de produzir experiências próprias, uma vez que “essas mesmas crianças criam brechas e oásis de liberdade, para romper, de alguma forma e ao menos em alguns momentos, com as amarras impingidas por essa estrutura [...]” (Paula, 2019, p. 274).

5

Diante dessas ponderações, torna-se necessário situar alguns conceitos fundamentais para a compreensão deste estudo, especialmente aqueles relacionados à infância, ao brincar, aos brinquedos e às brincadeiras.

Infância e brincar

A infância pode ser compreendida como “[...] um período de experimentações, sensações, sabores, cores, brincadeiras” (Friedmann, 2013, p. 25). A palavra tem origem latina, *infante*, associada à ausência de fala (Lajolo, 2009). Para Zeiher (2007, p. 53), “[...] a infância é entendida como um espaço societário, no qual as crianças vivem cuidadas e protegidas e preparadas para a vida sucessiva, [...]”.

A infância não se resume a um período cronológico, mas corresponde a uma fase da vida na qual se ampliam as capacidades e habilidades de interpretar signos, atribuir sentidos e criar mecanismos de adaptação capazes de acessar o universo cultural existente (Zandoná Júnior, 2015). Nesse processo, o lúdico possibilita à criança entrar na dinâmica social, sendo os jogos, os brinquedos e as brincadeiras caminhos para perceber, compreender e reproduzir a sociedade.

Velasco (1996) apresenta uma retrospectiva histórica do brincar, destacando que essa atividade esteve presente entre crianças e adultos desde o início da civilização. Na Antiguidade, as crianças participavam das festividades juntamente com os adultos, em ambientes livres e sem o olhar constante destes. A brincadeira era compreendida como parte da cultura e como representação coletiva da humanidade, embora, com o passar do tempo, tenha perdido seu vínculo comunitário. A partir da sociedade industrial, ocorreu maior separação entre a vida das crianças e a dos adultos, enquanto o surgimento da escola contribuiu para transformar o lúdico em recurso de aprendizagem. Nesse contexto, a autora enfatiza que o brincar “[...] é tão fundamental no desenvolvimento infantil quanto a nutrição, cuidados, e atendimentos às necessidades vitais” (Velasco, 1996, p. 41).

Durante o brincar, a criança desenvolve habilidades de pensamento, supera limites da condição infantil, encontra suporte para aprender e resolver problemas, apropria-se de regras e experimenta comportamentos. Também descobre, na interação com seus pares, que não é o único sujeito da ação e que tanto ela quanto os outros possuem objetivos a alcançar. Nesse momento, as escolhas são motivadas por desejos e ansiedades, enquanto a imaginação conduz o desenvolvimento da atividade em uma linguagem própria, que cabe ao adulto respeitar, mesmo quando não a compreende (Teixeira, 2010).

6

O verbo brincar ensina a viver, sendo uma atividade espontânea, prazerosa e democrática, além de constituir uma forma de comunicação da ação e do pensamento infantil (Maluf, 2009). Ao brincar, a criança desenvolve habilidades e aptidões, estabelece diferenciações relacionadas a sexo e gênero, enquanto o brinquedo se constitui como artefato cultural carregado de significados e de pertencimento ao contexto em que está inserido (Azevedo, 2016).

Brinquedos e brincadeiras como expressões culturais

Para compreender o papel do brinquedo, é importante considerar sua presença histórica. Há evidências arqueológicas de aproximadamente 2.000 a.C. que identificaram, em tumbas funerárias, objetos relacionados a algumas profissões, representados por miniaturas de barcos de madeira e bonecos. Na Grécia Antiga, as crianças brincavam com chocalhos de argila recheados de pequenas pedras. Em Roma, existiam carrinhos de duas rodas, cavalinhos de madeira e réplicas de animais e soldados. Há, inclusive, a suposição de que o chocalho tenha sido um dos primeiros brinquedos a despertar o interesse das crianças (Velasco, 1996).

Friedmann (2013) destaca que o brinquedo transmite a cada criança valores, sentimentos e representações diferenciadas. Bomtempo (2011) o compreende como um instrumento cultural ao alcance da criança, capaz de conduzi-la à ação e à representação. Teixeira (2010, p. 53), por sua vez, considera que “tudo aquilo que estimula a criança a descobrir, inventar, analisar, comparar, diferenciar, classificar, etc. é sem dúvida muito importante na sua formação geral [...] espontaneamente, sem compromisso e obrigatoriedade”.

O brinquedo constitui um instrumento de ação livre, sem regras necessariamente estabelecidas, definido mais pelo seu caráter simbólico do que por sua função. Brougère (2010) distingue duas categorias: a primeira relacionada à brincadeira, na qual o brinquedo é utilizado como suporte e pode ser manufaturado, produzido pela própria criança ou constituído por materiais de sucata; a segunda refere-se ao sentido lúdico atribuído por quem brinca durante determinado período.

Os brinquedos podem existir de forma concreta ou abstrata, independentemente de sua função, cor, forma ou tamanho. O elemento central está na capacidade de criar e descobrir sua corporeidade, funcionando como uma chave para a imaginação, a ressignificação de sentimentos e a representação do mundo ao redor (Velasco, 1996).

No que se refere às brincadeiras, nem sempre é possível estabelecer um consenso sobre o que caracteriza uma atividade realizada pela criança como tal, devido à ausência de critérios únicos para sua classificação. Uma mesma atividade pode ser considerada brincadeira em determinado contexto ou momento e deixar de sê-lo em outro, dependendo do papel assumido no brincar. Por meio da brincadeira, a criança relaciona-se com o mundo de forma viva e ativa, podendo decidir se deseja ou não brincar em determinado momento. Essa possibilidade caracteriza autonomia, criatividade e responsabilidade diante de suas próprias escolhas (Queiroz; Maciel, 2006).

As brincadeiras integram a experiência de ser criança por possibilitarem o envolvimento com diferentes elementos culturais e sociais. Ribeiro (2011) destaca que as brincadeiras oferecem à infância aspectos da cultura, ampliando seu repertório de experiências. No contexto quilombola, essas práticas têm despertado a curiosidade de diversos estudiosos. O estudo realizado na Comunidade Quilombola de Jamary dos Pretos, município de Turiaçu-PA, evidenciou a presença da cultura nas brincadeiras, na produção dos próprios brinquedos e nas representações das danças populares (Gomes, 2018).

A partir dessas contribuições, compreende-se que infância, brincadeira, brinquedo e território estão relacionados às experiências culturais e sociais vivenciadas pelas crianças. Nesse sentido, os estudos sobre comunidades quilombolas permitem observar diferentes formas de brincar, produzir brinquedos e apropriar-se dos espaços, revelando particularidades dos contextos em que essas infâncias se constituem. É a partir desse referencial que serão apresentados, na sequência, os achados da busca realizada e suas respectivas análises.

MÉTODOS

Delineamento do estudo

Considerando o objetivo proposto, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa descritiva e exploratória, de abordagem qualitativa. O caráter descritivo está relacionado à identificação e caracterização dos estudos encontrados sobre as experiências lúdicas em comunidades quilombolas, buscando compreender sua composição e os processos investigados a partir da interpretação dos dados (Rudio, 2002). A natureza exploratória decorre da busca delimitada por publicações relacionadas à temática, possibilitando maior aproximação entre o objeto de estudo e o pesquisador e permitindo identificar como esse fenômeno tem sido abordado em diferentes fontes (Severino, 2007). Quanto à abordagem, o estudo é qualitativo, uma vez que busca compreender de maneira particular o fenômeno investigado (Rampazzo, 2005).

8

Para alcançar o objetivo proposto, foi realizada uma Revisão Sistemática de Literatura, entendida como uma abordagem rigorosa para identificação de evidências científicas disponíveis, mediante questões e métodos previamente definidos, permitindo localizar, selecionar e analisar estudos relacionados a determinado objeto de investigação (Roever, 2017).

Estratégia de busca e seleção dos estudos

A elaboração da revisão foi orientada pelas etapas propostas por Sampaio e Mancini (2007), que compreendem: (1) definição da pergunta de pesquisa; (2) busca das evidências, com estabelecimento de termos e estratégias de busca; (3) revisão e seleção dos estudos, mediante critérios de inclusão e exclusão; (4) análise da qualidade metodológica dos estudos selecionados; e (5) apresentação e organização dos resultados. A questão norteadora da revisão foi: quais brincadeiras, brinquedos e cenários/espços são escolhidos pelas crianças no momento do brincar em algumas comunidades quilombolas?

A busca bibliográfica foi realizada no Google Acadêmico, no período de 2024 a junho de 2026, utilizando o descritor “brincadeiras e quilombolas”. A escolha dessa plataforma deve-se à sua ampla utilização para a localização de literatura acadêmica e à possibilidade de recuperar diferentes tipos de produções científicas, incluindo artigos, teses, dissertações e monografias, fontes que correspondem ao escopo documental estabelecido para este estudo.

Foram estabelecidos como critérios de inclusão estudos voltados às comunidades quilombolas que apresentassem informações relacionadas às brincadeiras, aos brinquedos e/ou aos espaços utilizados pelas crianças durante o brincar. Como critério de exclusão, foram desconsideradas pesquisas que abordassem a mesma temática, mas que tivessem sido desenvolvidas em outros territórios.

Extração, organização e análise dos dados

As informações dos estudos selecionados foram sistematizadas em quatro quadros analíticos, elaborados de acordo com as características investigadas.

O Quadro 1 apresenta a modalidade dos trabalhos, os títulos, o ano de publicação, a classificação quanto aos procedimentos e à amostra, além da faixa etária e do gênero dos participantes. O Quadro 2 reúne as brincadeiras identificadas nas comunidades quilombolas investigadas nos estudos selecionados. O Quadro 3 apresenta os tipos de brinquedos identificados, organizados em cinco categorias: industrializados, artesanais, produzidos pelas próprias crianças, confeccionados com recursos da natureza e produzidos com materiais reaproveitados da comunidade. O Quadro 4 apresenta os cenários utilizados durante as brincadeiras, classificados em naturais e artificiais, conforme as características dos espaços descritos nos estudos analisados.

A análise dos dados foi realizada de forma qualitativa e descritiva, considerando as informações apresentadas nos estudos selecionados e sua organização nas categorias estabelecidas. A interpretação buscou identificar aproximações, diferenças e particularidades relacionadas às brincadeiras, aos tipos de brinquedos e aos cenários/espaços utilizados pelas crianças nas comunidades quilombolas investigadas. Para cada quadro, foi realizada uma discussão dos respectivos dados, buscando relacioná-los às características culturais, territoriais e ambientais presentes nos estudos analisados.

RESULTADOS

A análise dos dez estudos incluídos permitiu identificar diferentes modalidades de publicação, períodos de publicação, procedimentos metodológicos e características dos participantes, conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 – Caracterização dos estudos quanto à modalidade, título, ano de publicação, procedimentos metodológicos e características da amostra.

MODALIDADE	TÍTULO	ANO	CLASSIFICAÇÃO QUANTO AOS PROCEDIMENTOS	AMOSTRA, FAIXA ETÁRIA, GÊNERO
Dissertação	Brincadequê: brinquedos e brincadeiras no quilombo de lajeado	2021	Etnográfica História oral	23 6 a 85 anos ver melhor
Tese	“VEM BRINCAR NA RUA!” Entre o Quilombo e a Educação Infantil: capturando expressões, experiências e conflitos de crianças quilombolas no entremeio desses contextos	2014	Etnográfica Qualitativa	7 crianças 3 meninas 4 meninos 4-6 anos
Tese	Modos de ser criança no quilombo mato do tição Joaboticatubas – MG.	2015	Observação participante, conversas direcionadas, aplicação de questionário, abecedário e desenhos, entrevistas semi-estruturadas confecção de um livro de tecidos.	19 crianças 3meninos 16 meninas 2 a 15 anos
Dissertação	Como brincam as crianças da comunidade quilombola de Jamary dos Pretos em Turiaçu-MA	2018	Etnográfica Qualitativa	39 crianças 7 a 12 anos
Tese	“Ser quilombola”: identidade, território e educação na cultura infantil	2015	Etnográfica	Falta
Artigo	Cultura, cotidiano quilombola e o brincar de crianças ribeirinhas de Abaetetuba-PA	2015	Etnográfica	10 crianças 10-14 anos Ambos os sexos
Monografia\ graduação	Interações e brincadeiras de crianças da comunidade quilombola do rio baixo itacuruçá, Abaetetuba-PA.	2022	Trabalho de campo e bibliográfico.	5-8 anos sem identificar a quantidade.
Monografia\ graduação	“Ser criança é ser quilombola” infâncias no	2019	Etnográfica e qualitativa	Crianças de 10 a 11 anos.

	território do quilombo monte recôncavo/ba			
Tese	Saberes da terra: o lúdico em Bombas, uma Comunidade Quilombola (estudo de caso etnográfico)	2010	Etnográfica	31 entrevistados adultos 30 jovens e adolescentes
Artigo	Entre cercas, brincadeiras e feitiços: os conflitos e as apropriações do território por crianças e jovens quilombolas	2020	Pesquisa-intervenção	30 crianças e jovens 2-24 anos

Fonte: autoria própria (2025).

Entre os dez estudos analisados, foram identificadas quatro teses, duas dissertações, duas monografias de graduação e dois artigos, publicados entre 2010 e 2022. Quanto aos procedimentos metodológicos, seis estudos foram classificados como etnográficos, um como etnográfico associado à história oral, um utilizou procedimentos de campo e bibliográficos, um foi caracterizado como pesquisa-intervenção e, em um estudo, não foi identificada uma classificação metodológica específica, embora fossem descritas técnicas de coleta de dados.

Quanto à abordagem, três estudos declararam explicitamente a utilização de procedimentos qualitativos. Em relação aos participantes, os estudos apresentaram diferentes configurações de amostra e faixas etárias. Foram identificadas crianças, adolescentes, jovens e adultos, conforme as características de cada pesquisa. Em alguns estudos, a quantidade de participantes não foi explicitamente apresentada, razão pela qual não foi possível estabelecer uma estimativa uniforme entre todas as pesquisas.

Quanto aos títulos, os dez trabalhos apresentaram relação direta com o objeto investigado, utilizando termos associados às experiências infantis, tais como brinquedo, brincadeira, brincar, criança, infância, infantil e lúdico. Em sete estudos, o território quilombola investigado foi explicitamente identificado no título.

Brincadeiras identificadas

O Quadro 2 apresenta as brincadeiras identificadas nos dez estudos analisados.

Quadro 2 – Brincadeiras identificadas nas comunidades quilombolas.

BRINCADEIRAS
Bacondê/esconde-esconde, bandeirinha estourou, bater tambor, bete, boca de forno, bom barquinho, brasileiro, brincadeira de ronda/roda, brincar de rezar, brincar com

gatos e cachorros, caco, cai no poço, , camaleão, cantar, cantiga de ronda, comidinha, contar/ouvir história, correr, escolinha, fazer castelo no rio, futebol, gato e o rato, macaco, morto vivo, nunca três, onça e o coelho, passar anel, pega-pega de bola, pega-pega no rio, pegar pareia, pula corda, queima, roda, salada mista e veado na roça, luta, fazer casinha de madeira, casinha, panelinha, maquiagem e bonecas.
Esconde, pegar e correr, brincadeira da máquina, lançar pedrinhas com o bambu oco ou cano, pista para carro e moto com galhos de árvores, escorregar e se balançar no parque, jogar gude, arco e flecha, pião.
Pega-pega, salão de beleza e restaurante, pega-pega, esconde-esconde, pular corda, corre cotia, queimada, rouba bandeira, polícia e ladrão, chicotinho queimado, salão de beleza, restaurante, folia de reis e candombe (essas duas últimas fazem parte da cultura local), escolinha, casinha, salão de beleza, restaurante, mamãe-filhinha, Brincadeiras com bola: rebater, jogar para um colega de roda, Futebol, roda, jogos de computador, joguinho de celular, telefone sem fio, soltar pipa, pisão.
Pula corda, empinar pipa, bandeirinha, esconde-esconde, pira garrafão, casinha, rodinha, brincar de boneca, cavalo\vaqueiro, futebol, escola, esconde objeto (passarinho no ninho, cobra no buraco, jogos de celular, cavaleiro
Brincar de panelinhas, boneca, “casinha” pintar as unhas, atravessar o riozinho, esconde-esconde, pega-pega, escorregar no barro (lodo), folha que abre, brincar nas árvores, polícia e ladrão, taco, futebol, empinar pipa, rouba bandeira, taco, esconderijo, dançar e cantar Jongo, cantar samba e pagode, “se sujar”, jogo de computador, videogame, brincar com água.
o formô, o fio o ou pula corda, o futebol, a bandeirinha, a queimada, o mata no meio, o pira esconde, o pira cola, a amarelinha e a pira alta.
Jogar bola no rio, jogar vôlei, jogos no celular, esconde-esconde, tomar banho no rio, jogar bola no ramal, casinha, brincar de boneca, brincadeira da canoa, pular e buíam na água, taco, pintar as bonecas, coreografias, andar de bicicleta, balanço na árvore, correr na floresta, pira pega na água, desenho, pira se esconde, brincadeira do caboquinho, comidinha de folhas, fazer cociquinha nos pés.
Brincar no celular, esconde-esconde, baleou, andar de bicicleta, pega-pega, contar, 7 pedrinhas, pular corda, fazer comidinha.
A mãe, balançar na rede, esconde-esconde, baleou, andar de bicicleta, bater peteca, brincar com água, brincar com boneca, brincar com bichos, cabra-cega, canjém, canoa, 7 pedrinhas, corda comidinha, cavalinho de pau, cavar terreno, coelhinho sai da toca, coleção, corre lenço, correr e pular, dança do chapéu, descer na enxurrada, francesinha, escorregar, desenhar, quebra de braço, jogos com bola, jogos de cartas, jogos livres e dirigidos, luta, malvadezas, montaria, morto\defunto, panelinha, passa-passa gavião, pato choco, pega-pega, pelolar, procurar e catar, pular de galho em galho, roda, rouba chinelo, subir e descer em árvores, taipinha, tilimbuque, vaidadezinha de menina, vilão do lenço.
e pique, de roda, de corda, de bola, de palmas, de “baleba” (como denominam bolinha de gude), a corrida de cavalinho, o soltar pipa, o subir em árvores, o brincar com a areia, pique-esconde, corrida de cavalinho.

Fonte: autoria própria (2025).

Os estudos registraram ampla diversidade de brincadeiras. Foram identificadas práticas tradicionais, simbólicas, corporais, coletivas, manifestações culturais e atividades relacionadas ao uso de tecnologias.

Entre as brincadeiras identificadas estavam esconde-esconde, pega-pega, amarelinha, cabra-cega, pular corda, bandeirinha, queimada, futebol, roda, passar anel, corre cotia, polícia e ladrão, taco, empinar pipa, brincar de boneca, casinha, escolinha, salão de beleza, restaurante, mamãe-filhinha, panelinha e comidinha, entre outras. Também foram registradas atividades realizadas diretamente com elementos naturais ou em ambientes naturais, incluindo brincar com animais, brincar com água, atravessar rios, escorregar no barro, brincar nas árvores, correr na floresta, utilizar pedras, galhos e folhas e explorar rios, córregos e matas.

Os estudos também registraram brincadeiras associadas às tecnologias contemporâneas, como jogos de computador, jogos de celular e videogame. Além disso, foram identificadas manifestações relacionadas às tradições culturais das comunidades, como Folia de Reis e Candombe, bem como denominações específicas de determinadas localidades, entre elas tilimbuque, pelolear, taipinha, bacondê, veado na roça, pisão, o formô, pira-esconde, brincadeira do caboquinho e canjém.

Tipos de brinquedos

O Quadro 3 apresenta os brinquedos identificados nos estudos, classificados em cinco categorias: industrializados, artesanais, produzidos pelas crianças, confeccionados com recursos da natureza e produzidos com materiais reciclados ou reaproveitados.

Quadro 3 – Brinquedos identificados nas comunidades quilombolas segundo origem e materiais utilizados.

INDUSTRIAL	ARTESANAL	FEITO PELA CRIANÇA	RECURSOS DA NATUREZA	RECICLADOS REAPROVEITADOS
carrinho, bolas de plástico, bila, baralho, basquete, boneca de plástico, jogo da memória, videogame, slime e jogo de celular	apito de taboca, bola de mangaba, cambota, carrinho de madeira, peteca, pião,	animais feitos de frutinhas, carro de umburuçu carrinho de rolimã, carrinho feitos de tala de buriti, cavalo de pau, gado de		

		osso, gaiola, gangorra, (badoque, espingarda de buriti, bonecas de pano, de pau, de sabugo e de buriti		
Balanço, escorregador, bola, gude, bonecas industrializadas	pião	Arco e flecha, Bambu oco com elástico	Pedras, bambu, galhos de árvore	Borracha,
Bola, boneca, celular, computador	pipa	Casinhas, comidinha	barro e enfeitado com flores e folhas, água barrenta.	panelas velhas, furadas e sem utilidade para os adultos, pedaços de madeiras deixados, pedaços de tecido ou plástico, frasco de esmalte
Celular, videogame, ursinho de pelúcia, caminhão, panela, bicicleta, bola, carro, boneca, trator de plástico.		Casinha, comidinha, cavalo de pau	Plantas, terra, água, cavalo de palmeira de tucum	Cadeiras de casa
videogames e computadores tablets, patinetes, pelúcias, motocas, boneca, panelinhas, bicicletas, caminhão, skete, MXStell, celular, fogãozinho, bola, boneco de guerra, corda	Pipa, pandeiro, tambor, corda	Arma de madeira, balanço nas árvores	Árvores, folhas, madeira, pedras, água, barro	panelinhas e pratinhos de plástico, esmalte, tinta
bola	Corda			
Bola, boneca, panelinhas, móveis da casinha, celular, bicicleta,	Boneca canoa	Comidinha de folhas, balanço nas árvores	Varas de madeira para o vôlei, folhas,	

Bola, celular, bicicleta	corda	Comidinha	Folhas, pedras	
Bonecas, pelúcias, carrinhos, celular, celular de brinquedo, violão, pandeiro, viola, sanfona,	Rabeca, matraca de taquara, estilingue, espingardas de madeira, canoa, rede de corda, revólver de brinquedo, pássaro de madeira, pássaros e animais de argila, pássaro de madeira.	Barquinho de papel, boneca, balanço, conoinhas, carrinho com rodas, carrinho pra entrar no mato, cavalinho, piquá (sacolinha para estilingue, pipa, tilimbuque (gangorra)	Sabugo de milho, cipós de árvores, pau de fumo, madeira, folha brade de taioaba, restos de árvores, fiozinho da palha de milho, pedaços de pau (bonecas e cavalinhos, sementes, argila, trocos caídos de árvores,	Panos para bonecas, cabo de vassoura, latas para panelinhas, sobras de papel para pipa.
		Carrinhos, instrumentos musicais, casinhas, bonecas e bolsinhas de retalho, cavalo de pau.	Resto de madeira	“rolos” com garrafas pet, fita de bocharra, caixa de leite, retalhos de tecidos. Cabo de vassoura, plástico.

Fonte: autoria própria (2025).

Foram identificados diversos brinquedos industrializados, entre eles carrinhos, bolas, bonecas, baralhos, jogos de memória, videogames, bicicletas, patinetes, computadores, tablets, pelúcias, panelinhas, caminhões, tratores e celulares. Entre os brinquedos artesanais foram registrados apitos de taboca, bolas de mangaba, carrinhos de madeira, petecas, piões, pipas, tambores, pandeiros, rabecas, matracas de taquara, canoas e outros objetos.

Também foram identificados brinquedos produzidos pelas próprias crianças, como barquinhos de papel, animais feitos de frutinhas, canoinhas, cavalos de pau, carrinhos de rolimã, casinhas, gaiolas, gangorras, estilingues, arco e flecha, balanços e brinquedos confeccionados com bambu e buriti. Entre os recursos naturais utilizados na produção dos brinquedos estavam pedras, bambu, madeira, folhas, sementes, frutos, terra, argila, galhos, troncos, cipós, sabugo de milho e água. Também foram identificados materiais reciclados ou reaproveitados, incluindo painéis antigos, pedaços de tecido, plástico, frascos de esmalte, latas, cabos de vassoura, sobras de papel, garrafas PET, caixas de leite e fitas de borracha.

Cenários utilizados para o brincar

O Quadro 4 apresenta os cenários identificados nos estudos, organizados em duas categorias: naturais e artificiais.

Quadro 4 – Cenários utilizados pelas crianças para as experiências de brincar.

NATURAIS	ARTIFICIAIS
No rio, embaixo das árvores	Quintais, nos terreiros, na roça, nas barragens.
	Parque, gramado, rua, estrada
	Quintal das casas, ruas
Debaixo de árvores, no mato,	Campo de futebol, frente de casa e igrejas, casa da avó, de amigos, quintal, ruas, escola
Árvores, matas, córrego, cachoeira, riozinhos, lodo (espaço com barro)	Quintais de chão batido, ruas, casas, terraços das casas, campinhos, “casinha” (espaço específico na comunidade).
Rio, árvores, trilhas e caminhos	Campo de futebol, pátios da escola, quintal das casas, canoas, casa dos vizinhos.
Rio, árvores, açazeiros	Escola, trajeto para a escola, ramal (terra firme), local de trabalho dos pais, barracão, terraço das casas, campo de futebol,
Tororó, caeira. 8	Campo, quadra, praças, rua da igreja, rua do cemitério
Córregos, riachos, mata, rio Betari, barrancos, grutas,	Terreiros de casa, interior das casas, na escola, bicas, roças, nos bailes, pátio das “casinhas”
Ar livre	

Fonte: autoria própria (2025).

Entre os cenários naturais foram identificados rios, árvores, matas, córregos, cachoeiras, riachos, trilhas, barrancos, grutas, açazeiros, barro e áreas de vegetação. Entre os cenários artificiais foram identificados quintais, ruas, escolas, campos de futebol, igrejas, casas, terreiros, pátios, terraços, roças, barragens e outros espaços construídos ou modificados pela comunidade. Também foram identificados espaços com denominações específicas utilizadas pelas comunidades ou pelas próprias crianças, como Tororó, Caeira, “casinha”, “riozinho”, “Rio Azul” e “lodo”.

Os estudos demonstraram, portanto, que as experiências de brincar ocorreram tanto em espaços construídos quanto em ambientes naturais, incluindo áreas de convivência comunitária, espaços domésticos, locais destinados a atividades esportivas, escolas, ruas, rios, matas e outras áreas presentes nos territórios quilombolas.

DISCUSSÃO

O brincar como expressão da cultura e do território

A predominância de estudos etnográficos entre as pesquisas analisadas é coerente com a necessidade de compreender o brincar a partir das relações estabelecidas pelas crianças em seus contextos socioculturais. Para Marconi e Lakatos (2008), a pesquisa etnográfica permite observar e descrever modos de vida e práticas culturais, considerando os significados construídos pelos sujeitos em seus contextos.

No caso das comunidades quilombolas, essa perspectiva é particularmente relevante porque as experiências infantis estão inseridas em territórios marcados por histórias de resistência, relações comunitárias e processos de construção identitária. Os resultados mostram que o brincar constitui uma das formas pelas quais as crianças participam desse universo social e cultural.

A presença recorrente de brincadeiras tradicionais, como esconde-esconde, cantigas, amarelinha, cabra-cega, pega-pega e pular corda, indica a continuidade de práticas transmitidas entre gerações. Santana (2015) destaca que essas brincadeiras permanecem vivas por meio da transmissão oral, embora sejam continuamente modificadas pela criatividade infantil. Dessa maneira, as crianças não apenas reproduzem práticas culturais existentes. Elas também as transformam. Esse processo reforça a compreensão da infância como espaço de produção cultural, conforme discutido por Friedmann (2013) e Paula (2014).

17

O território como elemento constitutivo da experiência lúdica

Um dos achados mais relevantes desta revisão foi a recorrência de espaços naturais e de materiais provenientes do próprio território nas experiências de brincar.

Rios, árvores, matas, barro, pedras, folhas, galhos e outros elementos naturais aparecem tanto como locais para brincar quanto como recursos utilizados na fabricação de brinquedos. Isso permite compreender que, nesses contextos, o território não constitui apenas o cenário da brincadeira, mas participa de sua construção. Essa relação também aparece nas brincadeiras que envolvem água, árvores, barro e animais. Para Velasco (1996), experiências com água e outros elementos ambientais ampliam possibilidades de movimento, percepção e interação com o ambiente.

A utilização desses espaços pode ainda favorecer diferentes experiências corporais. Friedmann (2007) destaca que brincadeiras que exigem movimento possibilitam o desenvolvimento de habilidades motoras, agilidade e exploração de espaços amplos. Nesse sentido, a presença de ambientes naturais nas experiências das crianças quilombolas apresenta uma dimensão que ultrapassa a disponibilidade física desses lugares. Trata-se também de uma forma particular de relação com o território.

A produção dos próprios brinquedos e a criatividade infantil

A produção de brinquedos pelas próprias crianças constitui outro resultado relevante. A utilização de madeira, bambu, folhas, sementes, barro, frutos, tecidos, plástico, garrafas e outros materiais demonstra que a criatividade infantil está diretamente relacionada aos recursos disponíveis no ambiente.

Friedmann (2013) destaca que a construção de brinquedos acompanha a história da infância e que as crianças recorrem aos materiais disponíveis ao seu redor para produzir objetos destinados ao brincar. Santana (2015), ao estudar a comunidade quilombola Mato do Tição, identificou processo semelhante, no qual objetos sem utilidade para os adultos eram transformados pelas crianças em brinquedos e elementos de suas brincadeiras. Essa transformação atribui novos significados aos materiais. Uma panela velha, um pedaço de madeira, uma folha ou uma garrafa deixam de ser apenas objetos ou resíduos e passam a integrar uma experiência simbólica. Assim, a criança atua como produtora e não apenas como consumidora de objetos lúdicos.

18

A coexistência entre tradição, consumo e tecnologia

A presença simultânea de brinquedos tradicionais, artesanais, industrializados e tecnológicos demonstra que as experiências infantis nas comunidades quilombolas não estão dissociadas das transformações contemporâneas.

Os resultados registraram celulares, videogames, computadores, bicicletas, brinquedos industrializados e jogos eletrônicos, ao mesmo tempo em que permaneceram presentes brinquedos artesanais e práticas tradicionais. Arruda (2011) relaciona a indústria cultural do brinquedo à lógica do consumo e do individualismo, enquanto Zandoná Júnior (2015) discute a possibilidade de determinados recursos tecnológicos restringirem a criatividade, a interação e a exploração dos espaços. Entretanto, os resultados desta revisão não sustentam a ideia de

substituição completa das práticas tradicionais pelas tecnologias. O que se observa é uma coexistência de diferentes formas de brincar, nas quais práticas tradicionais, recursos naturais, brinquedos artesanais, produtos industrializados e tecnologias digitais convivem no cotidiano infantil.

Infância, resistência e pertencimento territorial

A diversidade encontrada nas brincadeiras, nos brinquedos e nos cenários evidencia que as experiências infantis estão relacionadas às condições sociais, culturais e territoriais de cada comunidade. Paula (2014) demonstra que as crianças quilombolas são capazes de expressar conhecimentos sobre seu grupo étnico e território com afetividade e pertencimento. Essa perspectiva ajuda a interpretar os resultados encontrados nesta revisão, especialmente a presença de brincadeiras e espaços que recebem denominações próprias e estão associados à história e às práticas comunitárias.

Nesse contexto, brincar pode ser compreendido como uma experiência de pertencimento. As crianças ocupam o território, criam regras, selecionam espaços, constroem brinquedos, estabelecem relações com outras crianças e incorporam elementos da cultura local às suas brincadeiras. Paula (2019) ressalta que, mesmo diante das condições adversas, as crianças criam “brechas e oásis de liberdade”. Essa compreensão é particularmente importante para interpretar os resultados aqui encontrados, pois evidencia que as crianças não são apenas condicionadas pelas características sociais e econômicas de seus territórios. Elas também produzem formas próprias de participação, criação e expressão.

19

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das brincadeiras, dos tipos de brinquedos e dos cenários/espços utilizados pelas crianças, sob a ótica ambiental, evidenciou que o brincar nas comunidades quilombolas ocorre em estreita relação com o território. Apesar da presença de brinquedos industrializados e recursos tecnológicos, permanecem expressivas as brincadeiras coletivas, corporais e tradicionais, realizadas tanto em espaços naturais quanto em ambientes construídos.

Os resultados também evidenciaram o protagonismo infantil na produção de brinquedos a partir de recursos naturais e materiais reaproveitados, revelando criatividade, autonomia e diferentes formas de interação com o ambiente. A presença de rios, árvores, matas, barro,

pedras, folhas e outros elementos naturais demonstra que esses espaços não constituem apenas cenários para o brincar, mas também integram os materiais e as experiências que o sustentam.

Conclui-se, portanto, que as experiências brincantes analisadas articulam ambiente, território, cultura e protagonismo infantil, apresentando particularidades entre as comunidades investigadas. O brincar constitui, nesse contexto, uma importante expressão das formas pelas quais as crianças ocupam, percebem e ressignificam seus territórios, ao mesmo tempo em que participam da construção e da continuidade de práticas culturais.

Por fim, os achados reforçam a necessidade de ampliar as pesquisas sobre as experiências infantis em comunidades quilombolas, especialmente aquelas que considerem de forma integrada as dimensões ambiental, cultural e territorial do brincar. Essa perspectiva pode contribuir para uma compreensão mais ampla das múltiplas infâncias quilombolas e para o reconhecimento das crianças como sujeitos ativos na produção de suas experiências e culturas.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. G. P. **Brincadequê: brinquedos e brincadeiras no quilombo de Lajeado**. 2021. 154f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Educação, Palmas, 2021.

ARRUDA, F. M. Indústria Cultural e Brinquedos Industrializados: as implicações para o imaginário infantil na sociedade contemporânea. **Revista Espaço Acadêmico**. N. 118. Março 2011.

AZEVEDO, T. M. C. de. **Brinquedos e gênero na educação infantil: estudo etnográfico**. In: KISHIMOTO, T. M.; SANTOS, M. W. dos. (orgs.) *Jogos e brincadeiras: tempos, espaços e diversidade*. (pesquisas em educação). São Paulo: Cortez, 2016.

BOMTEMPO, E. **A brincadeira de faz de conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário**. In: KISHIMOTO, T. M. (Orga.) *Jogo, Brinquedo, brincadeira e a educação*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. Tradução de Gisela Wajskop. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

CHEQUER, S. **Preservação e visibilidade do brinquedo artesanal**. XV enecult, encontro de estudos multidisciplinares em cultura. Agosto, 2019. Salvador-BA.

DANTAS, C. V.; MATTOS, H.; ABREU, M. **O negro no Brasil: trajetórias e lutas em dez aulas de histórias**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

FRIEDMANN, A. **A arte de brincar**: brincadeiras e jogos tradicionais. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

FRIEDMANN, A. **Linguagens e culturas infantis**. São Paulo: Cortez, 2013.

GELARD, F. P. “**Ser criança é ser quilombola**”: infâncias no território do Quilombo Monte Recôncavo/BA. 2019. 84 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2019.

GOBBI, M.; FINCO, D. **Meninas e meninos em assentamento do MST**: representações e diferentes modos de ver e sentir da infância do campo. In: SILVA, I. O. de.; SILVA, A. P. S. da.; MARTINS, A. A. (Orgs.) *Infâncias do campo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. (Coleção Caminhos da Educação do Campo)

GOMES, N. R. R. **Como brincam as crianças da comunidade quilombola de Jamary dos Pretos em Turiaçu-MA**. Dissertação, 2018, Universidade Federal do Maranhão. 120f. Programa de Pós-graduação em Saúde e Ambiente. São Luís.

LAJOLO, M. **Infância de papel e tinta**. In: FREITAS, M. C. de. (Org.) *História Social da infância no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

línguas, culturas e civilizações. 3. ed. São Paulo: Gaudi Editorial, 2012.

LOBATO, M. C. S. dos; BARRETO, M. C. S. da. **Interações e brincadeiras de crianças da comunidade quilombola do rio baixo Itacuruçá, Abaetetuba-PA**. 2022. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação e Ciências Sociais, Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, Abaetetuba, 2022.

21

MALUF, A. C. M. **Brincar**: prazer e aprendizado. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MARCONI, M. A. de.; Lakatos, E. M. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MIRANDA, C. A. S. **Vestígios recuperados**: experiências da comunidade negra rural de Tijuaçu-BA. São Paulo: Annablume, 2009.

MUNANGA, K. **Origens Africanas do Brasil contemporâneo**: histórias,

PASUCH, J.; MORAES, E. V. **Retratos sociológicos das infâncias do campo**. In: SILVA, I. O. de.; SILVA, A. P. S. da.; MARTINS, A. A. (Orgs.) *Infâncias do campo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. (Coleção Caminhos da Educação do Campo)

PAULA, E. de. **Aqui é o lugar que a gente vive!** As brincadeiras das crianças de um quilombo catarinense. *Revista Contrapontos*, v. 19, n. 01, Itajaí, jan-jun, 2019. p. 271-286.

PAULA, E. de. **Vem brincar na rua!** entre o quilombo e a educação infantil : capturando expressões, experiências e conflitos de crianças, quilombolas no entremeio desses contextos.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2014.

PEREIRA, M. H. F. de; SERRANO, G. A. de; PORTO, A. P. B. **Quilombolas e quilombos: histórias do povo brasileiro**. Belo Horizonte: Rona, 2012.

PEREZ, B. C. **Entre cercas, brincadeiras e feitiços: os conflitos e as apropriações do território por crianças e jovens quilombolas**. *child.philo*. Rio de Janeiro, v. 16, e48351, Epub, nov. 2020.

POJO, E. C.; BARRETO, J. F. **Cultura, cotidiano quilombola e o brincar de crianças ribeirinhas de Abaetetuba-PA**. 2015. Universidade Federal do Pará. 312-331. V. 9. N. 12. Revista Margens Interdisciplinar.

QUEIROZ, N. L. N.de.; MACIEL, D. A.; BRANCO, A. U.. Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, v. 16, n. 34, p. 169-179, maio 2006.

RAMPAZZO, L. **Metodologia Científica: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

RIBEIRO, M. L. S. **O jogo na organização curricular para deficientes mentais**. In: KISHIMOTO, T. M. (Org.) *Jogo, Brinquedo, brincadeira e a educação*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ROVER, L. Compreendendo os estudos de revisão sistemática. *Revista Sociedade Brasileira Clínica Médica* Uberlândia, 15(2):127-30, abr-jun 2017.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 30. ed. Petrópolis, Vozes, 2002.

SAMPAIO RF; MANCINI MC. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Revista Brasileira de Fisioterapia*. São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, jan./fev. 2007.

SANTANA, P. M. S. de. **Modos de Ser Criança no Quilombo Mato do Tição – Jaboticatubas – Minas Gerais**. Programa de pós-graduação conhecimento e inclusão social em educação. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação UFMG. Tese de doutorado, 248 f. Belo Horizonte. 2015.

SANTOS, M. W. dos. **Felicidade guerreira: brincar no quilombo**. In: KISHIMOTO, T. M.; SANTOS, M. W. dos. (orgs.) *Jogos e brincadeiras: tempos, espaços e diversidade*. (pesquisas em educação). São Paulo: Cortez, 2016.

SANTOS, M. W. dos. **Saberes da terra: o lúdico em Bombas, uma comunidade quilombola (estudo de caso etnográfico)**. 2010. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, L. O. C. de. **Quilombos: identidade e história**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

SOUZA, M. L. A. de. **"Ser quilombola"**: identidade, território e educação na cultura infantil. 2015. 1 recurso online, 265 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.

TAVARES, C. **Valores no brinquedo artesanal**. Revista Ciclos. Florianópolis, v. 1, n. 2, fev. 2014.

TEIXEIRA, S. R. O. de. **Jogos, brinquedos, brincadeiras e brinquedoteca**: implicações no processo de aprendizagem e desenvolvimento. Rio de Janeiro: Wark, 2010.

TIRIBA, L. Crianças da natureza. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010.

VELASCO, C. G. **Brincar**: o despertar psicomotor. Rio de Janeiro: Sprint Editora: 1996.

ZANDONÁ, JÚNIOR, A. **A virtualização do lúdico e a formação da criança**. Curitiba: Appris, 2015.

ZEIHER, H. **Tempo da profissão e tempo da família**: suas modificações sociais. In: SOUZA, G. de. (Org.) A criança em perspectiva: olhares do mundo sobre o tempo infância. São Paulo: Cortez, 2007.